

MITOS, SÍMBOLOS E O ARQUÉTIPO DO HERÓI.

Vinicius Romagnolli Rodrigues Gomes¹; Solange Ramos de Andrade²

RESUMO: Durante séculos os seres humanos usaram mitos, contos de fadas e o folclore para explicar os mistérios da vida e torná-los suportáveis. Os mitos têm a misteriosa capacidade de conter e transmitir paradoxos, permitindo-nos enxergar, o verdadeiro cerne da questão. Cada parte concentra-se numa área particular da vida e nos conflitos e alegrias característicos com os quais lidamos. As histórias e imagens míticas podem aliviar os conflitos internos e ajudar-nos a descobrir uma profundidade, riqueza e sentido maiores na vida. O presente Projeto de Iniciação Científica buscou desde o início articular duas áreas do conhecimento distintas; História e Psicologia. A temática inicial referia-se à *Santidade do Herói: As representações de Joana D'Arc na literatura e no cinema* e tinha por objetivo, estudar o simbolismo do Herói enquanto santidade, analisando a representação simbólica e arquetípica do Herói e do santo na figura de Joana D'Arc. Para realizar tal estudo, nos utilizamos das leituras de autores como Carl Gustav Jung, Mircea Eliade e Joseph Campbell. Nas obras de tais autores encontramos um tema em comum; os mitos e os símbolos. Aos poucos, tais temáticas centralizaram nossa atenção e se tornaram foco das nossas leituras e conseqüentemente de nossa pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Mitos; Arquétipos; Herói.

1 INTRODUÇÃO

A importância dos símbolos e dos mitos é ressaltada pelo historiador romeno Mircea Eliade (1907-1986), o qual considera em sua obra *Imagens e Símbolos*, o pensamento simbólico como *consustancial ao ser humano*; precedendo até mesmo a linguagem e a razão discursiva. Eliade diz que *o símbolo revela certos aspectos da realidade – os mais profundos – que desafia qualquer outro meio de conhecimento* (1991, p.8); e vai além atribuindo às imagens, símbolos e mitos, a capacidade de responder a uma necessidade e de revelar as modalidades mais secretas do ser. Assim sendo, temos que cada ser histórico traz consigo uma parte da humanidade anterior a História, logo a parte a - histórica de todo ser humano não se perde, mas traz a marca da lembrança de uma existência mais rica e completa. Os símbolos jamais desaparecem da “atualidade” psíquica, podendo mudar de aspecto, mas com a função permanecendo a mesma.

Mesmo diante da dessacralização do homem moderno (que alterou o conteúdo de sua vida espiritual), não se rompeu com as matrizes da sua imaginação e com as questões mitológicas, assim sendo, o interesse pelas imagens e símbolos não diminuíram, pois esses nos oferecem um possível ponto de partida para a renovação espiritual do homem moderno. A partir disso, Eliade fala da “redescoberta” do simbolismo, citando a psicanálise, a superação do “cientismo” da filosofia, o renascimento do interesse religioso pós 1ª guerra e as múltiplas experiências poéticas, como fatores que contribuíram

¹ Acadêmico do Curso de Psicologia – CESUMAR, Maringá – PR. Acadêmico do curso de História – UEM, Maringá – PR.

² Doutora na área de História das Religiões, Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá – PR.

para tal retorno da atenção do público sobre o símbolo como um modo autônomo de conhecimento. (ELIADE, 1991).

Mircea Eliade ressalta, entretanto, que essa retomada aos diversos simbolismos não é uma descoberta inédita do mundo moderno, tendo em vista que o símbolo enquanto instrumento de conhecimento era uma orientação presente na Europa até o século XVIII, além de se fazer presente em culturas extra-européias, mesmo naquelas consideradas arcaicas e primitivas. O autor destaca que a invasão do simbolismo na Europa Ocidental coincidiu com o despertar da Ásia no horizonte da História e considera este fato uma “feliz conjunção temporal” na medida em que a Europa redescobre os símbolos em um momento no qual ela não é a única a “fazer história” e a cultura européia passa a contar com outros valores e vias de conhecimento que não apenas as suas. Assim sendo, as descobertas relacionadas ao irracional, ao inconsciente e ao simbolismo, serviram indiretamente ao Ocidente; preparando-o para uma compreensão mais profunda e para um diálogo com povos não-europeus. (ELIADE, 1991).

Eliade cita em sua obra, o psicólogo Carl G. Jung, o qual apontava para os “dramas” do mundo moderno, os quais seriam derivados de um desequilíbrio da psique, tanto individual como coletiva, provocado em grande parte pela esterilização crescente da imaginação. Assim sendo, ter imaginação seria ver o mundo em sua totalidade e isso explicaria para Eliade a desgraça e ruína do homem a quem falta tal “imaginação”; ele é cortado da realidade profunda da vida e de sua alma. Por fim, vemos que o símbolo, o mito, a imagem podem ser camuflados, degradados, porém jamais extirpados, tendo sobrevivido até os dias de hoje. E que para um estudo dos simbolismos possa ser útil, deve ser feito em cooperação de várias áreas do conhecimento, dentre as quais; Literatura, Psicologia, Antropologia filosófica, História das religiões, Etnologia, entre outros. (ELIADE, 1991).

O presente Projeto de Iniciação Científica buscou desde o início articular duas áreas do conhecimento distintas; História e Psicologia. A temática inicial referia-se à *Santidade do Herói: As representações de Joana D’Arc na literatura e no cinema* e tinha por objetivo, estudar o simbolismo do Herói enquanto santidade, analisando a representação simbólica e arquetípica do Herói e do santo na figura de Joana D’Arc. Para realizar tal estudo, nos utilizamos das leituras de autores como Carl Gustav Jung, Mircea Eliade e Joseph Campbell. Nas obras de tais autores encontramos um tema em comum; os mitos e os símbolos. Aos poucos, tais temáticas centralizaram nossa atenção e se tornaram foco das nossas leituras e conseqüentemente de nossa pesquisa.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Buscando articular as teorias dos autores citados sobre o tema, bem como fazer uma análise da epopéia de Gilgamésh em seu sentido arquetípico, partimos do pressuposto de que a pesquisa teórica, a qual consiste em um levantamento da bibliografia fundamental na área escolhida, a partir de um problema identificado e de um questionamento com a finalidade de construir explicações teóricas para o problema colocado; acreditamos que o método descritivo, nos permite analisar nosso objeto de uma forma ampla e adequada. A partir de tal método, podemos realizar uma discussão bibliográfica dos documentos selecionados acerca do tema, bem como fazer uma posterior análise dessas fontes documentais e uma discussão dos conteúdos pesquisados, estabelecendo um diálogo crítico com os autores consultados, a fim de atingir os objetivos propostos nesta pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Assim sendo, podemos notar que a aventura do herói nada mais é do que o processo de individuação; conceito central da teoria junguiana e que representa a própria finalidade da vida; um processo de profundo autoconhecimento, no qual nos confrontamos com velhos medos e conteúdos que desconhecemos de nós próprios. Ao nos entregarmos a esse caminho nada racional, Jung considera que a vida parecerá ser magicamente conduzida por uma sabedoria maior a qual denominou Self (Si - mesmo); o centro de cada um de nós. Individuar-se significa fazer o ego (a consciência da superfície) ir ao encontro desse centro. Representa separar-se da massa; do turbilhão inconsciente e adquirir autonomia; tornando-se assim, uma totalidade psicológica, sem divisões internas, atingindo a personalidade total e a realização pessoal.

Nessa perspectiva, o processo de individuação se mostra como a base da nossa existência. Em algum momento a psique chama o ego a voltar-se para si (o chamado para aventura do qual Campbell nos fala), a conhecer-se, a vasculhar no interior as verdades até então buscadas fora. A partir daí novos horizontes se abrem para a realização pessoal, entretanto, se o ego se recusa a tal autoconscientização (recusa o chamado para aventura), a vida tende a se encaminhar a um conflito insustentável; podendo derivar daí certas doenças, fracassos e até mesmo a morte.

Acessar o inconsciente nos faz ver que os conflitos da humanidade acontecem primeiro dentro de cada um, sutilmente, para depois se exteriorizar. Para Jung, entendermo-nos com aquilo que não conhecemos de nós mesmos, integrando aspectos inconscientes à aspectos conscientes é o grande passo que falta ao homem. Só assim deixaremos de ver o inimigo no outro e o reconheceremos onde sempre esteve: dentro de nós mesmos. É a partir desse autoconhecimento de cada indivíduo, dessa volta do ser humano às suas origens, ao seu próprio ser e à sua verdade individual e social, que podemos ter o início da cura da cegueira que domina o mundo de hoje.

4 CONCLUSÃO

Assim sendo, podemos notar que a aventura do herói nada mais é do que o processo de individuação; conceito central da teoria junguiana e que representa a própria finalidade da vida; um processo de profundo autoconhecimento, no qual nos confrontamos com velhos medos e conteúdos que desconhecemos de nós próprios. Ao nos entregarmos a esse caminho nada racional, Jung considera que a vida parecerá ser magicamente conduzida por uma sabedoria maior a qual denominou Self (Si - mesmo); o centro de cada um de nós. Individuar-se significa fazer o ego (a consciência da superfície) ir ao encontro desse centro. Representa separar-se da massa; do turbilhão inconsciente e adquirir autonomia; tornando-se assim, uma totalidade psicológica, sem divisões internas, atingindo a personalidade total e a realização pessoal.

Nessa perspectiva, o processo de individuação se mostra como a base da nossa existência. Em algum momento a psique chama o ego a voltar-se para si (o chamado para aventura do qual Campbell nos fala), a conhecer-se, a vasculhar no interior as verdades até então buscadas fora. A partir daí novos horizontes se abrem para a realização pessoal, entretanto, se o ego se recusa a tal autoconscientização (recusa o chamado para aventura), a vida tende a se encaminhar a um conflito insustentável; podendo derivar daí certas doenças, fracassos e até mesmo a morte.

Sentimos o Si-mesmo chamando-nos para fora da identificação inconsciente com as convenções sociais (persona), forçando-nos a reconhecer até aquelas partes de nós mesmos que preferíamos negar; partes que nos confrontam com o mal. Assim sendo, transformarmo-nos em nós mesmos significa integrar o que é oposto a nós, reivindicar como parte de nós um ponto de partida diferente de nossa identidade consciente que aparece em símbolos, sonhos ou figuras do sexo oposto (anima e animus). O chamado para experimentar e integrar em um todo vibrante todas as partes de nós, amplia muito

nossa identidade consciente e nos torna mais vividamente os indivíduos singulares que somos.

Acessar o inconsciente nos faz ver que os conflitos da humanidade acontecem primeiro dentro de cada um, sutilmente, para depois se exteriorizar. Para Jung, entendermo-nos com aquilo que não conhecemos de nós mesmos, integrando aspectos inconscientes à aspectos conscientes é o grande passo que falta ao homem. Só assim deixaremos de ver o inimigo no outro e o reconheceremos onde sempre esteve: dentro de nós mesmos. É a partir desse autoconhecimento de cada indivíduo, dessa volta do ser humano às suas origens, ao seu próprio ser e à sua verdade individual e social, que podemos ter o início da cura da cegueira que domina o mundo de hoje.

REFERÊNCIAS

CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2007.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito com Bill Moyers* ; org. por Betty Sue Flowers ; tradução de Carlos Felipe Moisés. -São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAVALCANTI, Tito R. de A. *Jung (Folha Explica)*. São Paulo: Publifolha, 2007.

ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

JUNG, Carl G. *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

JUNG, Carl G. *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

SILVEIRA, Nise da. *Jung Vida e Obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

YOUNG-EISENDRATH, Polly; DAWSON, Terence. *Manual de Cambridge para Estudos Jungianos*. Porto Alegre: Artmed, 2002